

## PRÁTICAS DE ANÁLISE LINGUÍSTICA NA FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES DO 5º ANO

Bruno Ciavolella\*  
Renilson José Menegassi\*\*

**Resumo:** Este artigo discute, exemplifica e caracteriza a inserção de práticas de análise linguística (PAL) de abordagem interacionista (Geraldi, 1991) em contexto de formação docente continuada. A geração de dados ocorreu por meio de uma pesquisa qualitativa (Bortoni-Ricardo, 2008), de tipo colaborativo (Desgagné, 2007) com professores do 5º ano do Ensino Fundamental, de um município de pequeno porte da região Noroeste do Paraná. Os resultados apontam que as vivências de PAL possibilitaram os sujeitos a agirem com, pela e sobre a língua, a favorecer a compreensão de que fazer a análise linguística é refletir sobre as possibilidades de construção de sentidos e de estratégias de dizer possibilitadas pelos recursos expressivos, conforme ensina João Wanderley Geraldi em seus estudos.

**Palavras-Chave:** Práticas de Análise Linguística; Formação Docente Continuada; Interacionismo; Ensino Fundamental.

### **PRACTICES OF LINGUISTIC ANALYSIS IN TEACHER CONTINUING EDUCATION OF 5<sup>th</sup> YEAR TEACHERS**

**Abstract:** This paper discusses, exemplifies and characterizes the insertion of practices of Linguistic Analysis (PLA) with an interactionist approach (Geraldi, 1991) within a continuing education context. Data was generated through qualitative research (Bortoni-Ricardo, 2008), of a collaborative type (Desgagné, 2007) with 5<sup>th</sup> year Fundamental Education teachers, from a small municipality in the Northwest region of Paraná. The results indicate that PLA experiences enabled the subjects to act with, through and on the language, to favor the understanding that carrying out linguistic analysis means to reflect on possibilities of construction of meanings and strategies of saying made possible by expressive resources, as highlighted in the studies of João Wanderley Geraldi.

**Keywords:** Practices of Linguistic Analysis; Teacher Continuing Education; Interactionism. Fundamental Education.

### **Introdução**

“Em educação, importa pouco chegar ao que já foi, porque seu compromisso é trabalhar para se chegar ao que sempre estará por vir”  
(Geraldi, 2008, p.1).

Este texto se inicia com a mesma epígrafe que Geraldi (2008) utiliza em seu artigo “Ler e escrever: uma mera exigência escolar?”, no qual reflete acerca

*Revista Educação e Linguagens, Campo Mourão, v. 13, n. 25, jan./jun. 2024*  
<https://doi.org/10.33871/22386084.2024.13.25.179-210>

do para quê se ensina a leitura e a escrita na escola, a ressaltar as dificuldades – sobretudo em razão das ideologias educacionais de ordem neoliberal - de se fazer com que tais práticas não se limitem a atividades pautadas em repetições de regularidades socialmente prestigiadas, sejam de modelos de construção textual, de interpretações legitimadas e de regras gramaticais. Logo, a escola que deveria ser um espaço voltado para o futuro (o novo) persiste em ser, muitas vezes, a instância reprodutora do passado. A epígrafe ainda caracteriza a essência da obra de João Wanderley Geraldi pela defesa de um ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa (LP) compromissado com a formação do estudante como sujeito consciente, criativo e agente, a operar com, pela e sobre a linguagem e a língua nas diversas práticas de letramento da sociedade.

O ensino formal de LP, embora se realize quase que exclusivamente no espaço escolar, a ele não se limita, ao contrário, almeja-se ultrapassar seus muros, a preparar o estudante para o “por vir”: as demandas cotidianas e sempre “novas”, “atuais”, de uso da linguagem na sociedade. O compromisso com o “por vir” faz com que o autor proponha que sobre o texto (Geraldi, 1984a), não mais sobre a gramática, recaia a centralidade das aulas de LP, como “portos de passagem” (Geraldi, 1991) da interação entre sujeito e mundo pela linguagem. Portanto, defende-se que as aulas de LP se tornem encontros de interação a se realizar por meio das práticas de linguagem de leitura, oralidade, produção textual e análise linguística. Como influência direta das contribuições de Geraldi ao ensino de LP, essas práticas alcançaram o status de eixos estruturantes da prática pedagógica, conforme definido pelos documentos oficiais que parametrizam a educação em nosso país nas últimas décadas – Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (Brasil, 1997; 1998); Base Nacional Comum Curricular – BNCC (Brasil, 2017).

Quanto à análise linguística (AL), interesse particular deste artigo, Geraldi (1984a) propõe-na como uma prática de reflexão sobre os recursos expressivos em atividades de uso efetivo da língua, ou seja, atrelada à leitura e à escrita de textos. Apesar de as ideias precursoras da AL datarem da década de 1980 e de sua expansão profícua no âmbito acadêmico, assim como relatam (Bezerra; Reinaldo, 2013; Rodrigues, 2021), ainda são muitos os entraves para que, de

fato, efetive-se como uma prática de ensino de LP, dentre outros motivos, pela formação ainda não específica e contínua do professor para o trato desse eixo de ensino, aliado à força do discurso imperativo e dominante do ensino tradicional da gramática na sala de aula (Ciavolella, 2022). Essa dificuldade se amplia quando se analisa o contexto dos anos iniciais do Ensino Fundamental, no qual a AL parece ocupar um lugar secundário no processo de ensino e aprendizagem de LP.

Tornar a AL como objeto de pesquisa e de discussão no campo da Linguística Aplicada e, de modo particular, relacionado à formação docente, é uma demanda que ainda se impõe como necessária para que o professor desempenhe o papel de agente mediador de práticas de análise linguística em sala de aula.

Para tanto, entre outras medidas, torna-se necessário discutir e implementar propostas de formação docente sobre a AL, seja no contexto da formação inicial ou continuada e nos diferentes níveis de ensino. Ao comungar com a premissa de Geraldi (1991) de que os textos são portos de passagem da interação dos sujeitos entre si e com o mundo, acreditamos que o processo de formação continuada para o trabalho com a AL deve se pautar em situações de uso efetivo da linguagem, isto é, por meio de práticas de linguagem, no caso, por meio de práticas de análise linguística.

A partir da problemática e da necessidade aventadas, este artigo tem por objetivo principal discutir o papel das práticas de análise linguística (PAL) no processo de formação docente sobre este eixo de ensino. De forma específica, caracteriza-se o percurso teórico-metodológico da PAL de abordagem interacionista, com suporte e sustentação nos pressupostos de João Wanderley Geraldi, e apontam-se as principais possibilidades para o processo de formação do professor sobre AL.

Para tanto, adota-se, como contexto de geração de registros de dados, uma pesquisa qualitativa (Bortoni-Ricardo, 2008), de tipo colaborativo (Desgagné, 2007) com professores de 5º ano do Ensino Fundamental, de um município de pequeno porte da região Noroeste do Paraná, em contexto de formação continuada (Ciavolella, 2022). De forma específica, para a

caracterização do percurso teórico-metodológico de PAL, inicialmente, discutem-se as suas proposições basilares, segundo Geraldi (1984a; 1991) e Franchi (1991[1987]). Em sequência, apresenta-se o percurso formativo do curso de extensão sobre AL conduzido com os participantes e caracteriza-se uma das PAL desenvolvidas a partir da abordagem interacionista, cujo corpus se constitui, para além das atividades, pelas interações orais geradas no desenvolvimento das atividades. A partir desses registros, torna-se possível apontar e discutir as possibilidades de inserção de PAL no processo formativo do professor sobre a AL.

## **1 A prática de análise linguística de abordagem interacionista**

A AL tem, por referência inicial, os estudos de João Wanderley Geraldi, nas décadas de 1980 e 1990, dentre os quais destacam-se as publicações: “Unidades básicas do ensino de português” (Geraldi, 1984b[1981]), “Concepções de linguagem e ensino de português” (Geraldi, 1984c[1981]), “Prática da leitura de textos na escola” (Geraldi, 1984d [1983]”, que compõem a obra *O texto na sala de aula* (GERALDI, 1984a), bem como o livro *Portos de Passagem* (Geraldi, 1991). Ainda como fundamental para as proposições basilares sobre a AL, cita-se o artigo “Criatividade e gramática” (Franchi, 1991[1987]), de Carlos Franchi, no qual o autor defende uma prática interacionista e criativa com o conteúdo gramatical no ensino de LP, por meio de atividades linguísticas, epilinguísticas e metalinguísticas.

O conceito de AL integra-se a uma proposta de renovação ao ensino de LP, cujo objeto de estudo até então limitava-se à gramática prescritiva, pautada por uma concepção estruturalista de língua. Geraldi (1984a), ao contrário, subsidiado pela concepção interacionista de linguagem e de língua, propõe que o texto<sup>i</sup> ocupe a centralidade das aulas de LP, por ser o mediador concreto do processo de interação verbal entre os sujeitos. Também motivado a apresentar contribuições em prol da ressignificação do ensino de LP, Franchi (1991[1987]) advoga em prol de um ensino de gramática em que prevaleça o caráter reflexivo e criativo da língua. Dessa forma, Geraldi inicia um processo de trabalho em

que o ensino de língua recebe a característica de “reflexivo” com, pela e sobre a linguagem em uso.

A proposta do ensino de LP, cuja tônica é o texto, é pautada na concepção de linguagem como forma de interação humana (Geraldi, 1984b[1981], com subsídio teórico nos pressupostos da Linguística da Enunciação e do Dialogismo, do Círculo de Bakhtin (Bakhtin, 2011[1979]; Volóchinov, 2017[1929-1930]). A linguagem é compreendida como uma atividade interlocutiva entre os sujeitos, de natureza social, histórica, dialógica, valorativa e com a propriedade de construir referências sobre o mundo e de reportar a si própria, por meio de um processo ininterrupto de construção de relações dialógicas materializadas em um enunciado concreto, isto é, no texto.

Para Geraldi (1991), a interação é o acontecimento social que permite a produção da linguagem, por conseguinte, da constituição dos sujeitos. Nos processos interativos, os sujeitos agem com, pela e sobre a linguagem em um processo ativo de trabalho de construção de sentidos. Por esse motivo, assim como os sujeitos agem no processo de constituição da linguagem, ela também atua diretamente na constituição dos sujeitos: “encontramos aqui talvez a mais visível forma da ação da linguagem sobre os sujeitos: suas consciências se constituem e operam, conforme Bakhtin, através do material sógnico” (Geraldi, 1991, p.56). Isso implica afirmar que os recursos expressivos que constituem a língua são preenchidos de conteúdos vivenciais, ou seja, ideológicos e valorativos. No processo de produção de linguagem, os sujeitos se constituem, porque estão em processo ininterrupto de valoração sobre os aspectos que compõem a dinâmica da vida social, isto é, em cada enunciação, as palavras revestem-se de valor, de juízo, de avaliação social: “Qualquer palavra realmente dita não possui apenas um tema e uma significação no sentido objetivo, contedístico dessas palavras, mas também uma avaliação, pois todos os conteúdos objetivos existem na fala viva, são ditos ou escritos em relação a certa ênfase valorativa” (Volóchinov, 2017 [1929-1930], p.233).

Por conseguinte, sem negar sua sistematicidade inerente, a língua é concebida por uma orientação sociológica, histórica e social e sempre em processo de constituição: “[...] a língua (no sentido sociolinguístico do termo) não

está de antemão pronta, dada como um sistema de que o sujeito se apropria para usá-la no momento da interação, mas que o próprio processo interlocutivo, na atividade de linguagem, a cada vez a (re)constrói” (Geraldi, 1991, p.6). Nesse sentido, a língua é entendida como um conjunto de recursos expressivos cujos sentidos não são únicos, mas são construídos no momento da interação: “Nos processos interacionais de que participamos, trabalhamos na construção dos sentidos ‘aqui e agora’ e, para isso, temos como ‘material’ para este trabalho a língua que ‘resultou’ dos trabalhos anteriores” (GERALDI, 1991, p.11). Pela perspectiva interacionista de linguagem, as aulas de LP são concebidas para se tornarem práticas de interação verbal e de constituição dos sujeitos, ou seja, efetivamente, como práticas de linguagem, seja de oralidade, de leitura, de produção textual e de AL, a ter o texto por objeto de ensino: “Se quisermos traçar uma especificidade para o ensino de língua portuguesa, é no trabalho com os textos que a encontraremos. Ou seja, o específico da aula de português é o trabalho com textos” (Geraldi, 1991, p.105).

A AL, como um eixo de ensino, constitui-se essencialmente como uma prática de linguagem, porque a atividade de reflexão sobre a língua faz parte das ações que o sujeito faz com, pela e sobre a linguagem e a língua em seu cotidiano, seja de forma consciente ou não. Por esse motivo, a AL, de base interacionista, principalmente pelas proposições de Geraldi, metodologicamente faz-se por meio de Práticas de Análise Linguística (PAL).

A PAL, como um eixo de ensino e como prática de linguagem, evidencia a propriedade da língua de permitir a reflexão sobre seu próprio funcionamento e sobre os recursos expressivos que a constitui, como possibilidades de construção de sentido e de valorações sociais. Nas palavras de Geraldi:

Com a expressão ‘análise linguística’ pretendo referir precisamente ao conjunto de atividades que tomam uma das características da linguagem como seu objeto: o fato de ela poder remeter a si própria, ou seja, com a linguagem não só falamos sobre o mundo ou nossa relação com as coisas, mas também falamos sobre como falamos (Geraldi, 1991, p.189-190).

A PAL insere o estudante em atividades que refratam e refletem a natureza da língua em construir referências sobre o mundo, de promover relações interlocutivas entre os sujeitos e de refletir sobre o próprio funcionamento linguístico e sobre as possibilidades de construção linguística e de construção de sentido a partir de seus recursos expressivos. Ao tomar a língua como o objeto de ensino, efetivada em textos, a PAL insere o estudante em atividades para operar ativa e criativamente com, pela e sobre a linguagem em situações de interação verbal, isto é, de uso efetivo da língua.

Logo, em primeira instância, as atividades de AL contribuem para o desenvolvimento das capacidades linguístico-discursivas por meio da reflexão sobre as possibilidades de uso e de construção de linguística e de sentidos por meio dos recursos expressivos, mobilizados nos processos interlocutivos, nos textos produzidos. Por esse motivo, a proposta inicial de PAL, para Geraldi (1984b[1981]), nasce atrelada à prática de produção escrita, de modo particular, nos processos de revisão e de reescrita, nos quais o estudante pode refletir sobre as diversas possibilidades de construção linguística e de estratégia de dizer a partir de seu próprio texto: “ao contrário do ensino gramatical, *[a análise linguística]* somente tem sentido se for para auxiliar o aluno e por isso partirá do texto do aluno” (Geraldi, 1984b[1981], p. 63).

Como a atividade de reflexão sobre a língua é típica das ações dos sujeitos nos processos interativos, Geraldi, em “Portos de Passagem” (1991), estende o escopo de atuação da AL para toda e qualquer prática de linguagem, para além da produção textual: “Criadas as condições para atividades interativas efetivas em sala de aula, quer pela produção de textos, quer pela leitura de textos, é no interior destas que a análise linguística se dá” (Geraldi, 1991, p. 5). Assim, a cada texto novo, Geraldi demonstra que sua proposta interacionista se amplia, em função das necessidades da sociedade, consolidando a ideia inicial.

A PAL, portanto, está diretamente atrelada às de leitura e as de escrita e focaliza as operações linguístico-discursivas que os sujeitos fazem nesses processos interlocutivos. Para Geraldi (1984d[1983], p.79), a AL recupera de forma “sistemática e assistemática a capacidade intuitiva de todo falante comparar, relacionar e avaliar formas linguísticas”.

As atividades de AL espelham as operações linguístico-discursivas que os sujeitos fazem nas situações de interação verbal, ou seja, o agir com, pela e sobre a linguagem. Por conseguinte, alinhado à proposta de Franchi (1991[1987]), a PAL constitui-se pelo tripé metodológico, composto por atividades linguísticas, epilinguísticas e metalinguísticas.

As atividades linguísticas estão relacionadas ao agir com a linguagem (Geraldi, 1991). São as atividades que ocorrem por meio de uma prática de linguagem efetiva, seja pela leitura ou pela produção de textos orais ou escritos, são atividades que permitem ao sujeito, ao operar com a língua, também refletir sobre os recursos expressivos que mobiliza.

Por sua vez, as atividades epilinguísticas visam à reflexão sobre os recursos expressivos utilizados nos processos de compreensão leitora e de produção textual, isto é, referem-se ao agir sobre a linguagem. Para Geraldi (1996), são essas atividades que marcam e caracterizam a PAL, porque permitem efetivamente uma reflexão epilinguística acerca do funcionamento linguístico, dos sentidos e dos valores em uso efetivo em contraponto ao ensino tradicional de gramática:

É bem verdade que todo falante realiza, em suas atividades linguísticas, atividades epilinguísticas em que avalia os recursos expressivos que utiliza: se são apropriados para a ocasião, se exprimem o que deseja, o que é preciso silenciar e o que é preciso dizer, quais os conhecimentos que é preciso tomar como compartilhados etc. No entanto, as atividades de ensino de gramática não constituem, na prática escolar, a continuidade (que seria desejável) dessas 'reflexões epilinguísticas', mas se apresentam, ao contrário, como a verdadeira e única reflexão sobre os recursos expressivos de uma língua (Geraldi, 1996, p.131).

As atividades epilinguísticas propiciam a avaliação e a reflexão sobre os recursos expressivos acionados nos processos interacionais como estratégias de dizer, como possibilidades de construção, ao passo que também introduzem o processo de reflexão sistematizada sobre os conhecimentos linguísticos, a ser consubstanciado pelas atividades metalinguísticas.

As atividades metalinguísticas buscam construir conhecimentos técnico-científicos sobre os recursos expressivos que constituem o enunciado, a



considerar os conhecimentos já produzidos pelos estudos linguísticos e gramaticais, não pelo viés da prescrição, mas, pela reflexão. Com isso, afirma-se que a PAL não exclui a gramática, inclusive, a de cunho tradicional das aulas de LP, pois ressignifica seu papel e seu espaço na prática pedagógica. Para Franchi (1991[1987]), o estudo dos conteúdos gramaticais, por meio das atividades metalinguísticas, possibilita a abordagem da gramática a partir de sua atuação nas práticas de leitura e de produção de texto:

Não é verdade que a gramática nada tem a ver com a produção e a compreensão do texto: ele está na frasezinha mais simples que pronunciamos. Mas é preciso concebê-la de um modo diferente: como o conjunto de regras e princípios de construção e transformação das expressões de uma língua natural que as correlacionam com o seu sentido e possibilitam a interpretação. Antes de ser um livro de etiquetas sociais ou um manual descritivo, a gramática é, de início, esse saber linguístico que todo falante possui, em um elevado grau de domínio e perfeição. Em um segundo plano, a explicitação formal do caráter abstrato e genérico desse saber (Franchi, 1991 [1987], p. 39).

Franchi (1991[1987]) orienta a abordagem de gramática a ser considerada na PAL, ou seja, aquela que considera todo saber linguístico tanto os que são sistematizados pelas teorias linguísticas e gramaticais quanto os saberes que todos os falantes possuem. A partir da discussão proposta, expõem-se as principais características da PAL, apresentadas no Quadro 1.

#### **Quadro 1 – Características da PAL de abordagem interacionista**

1. Constitui-se como uma prática de linguagem de interação humana, sempre em relações sociais definidas.
2. Promove uma relação interlocutiva de constituição dos sujeitos socialmente posicionados.
3. Centra-se nas ações feitas com, sobre e da linguagem.
4. Realiza-se na e a partir das práticas de leitura e de escrita, destacando-se o processo de produção de texto, nas etapas de revisão e reescrita.
5. Adota-se como objeto de ensino a língua e não a gramática, mesmo sabendo-se que esta é considerada como aspecto necessário ao ensino e à aprendizagem.
6. Compreende-se a língua à luz da linguagem, em seus amplos aspectos humanos.
7. Não desconsidera os conhecimentos gramaticais, inclusive, aqueles da gramática tradicional.
8. Entende-se a gramática como um saber linguístico, portanto, como um conjunto de possibilidades de construção linguística, sempre com viés social, discursivo e valorativo.
9. Visa, em primeira instância, o desenvolvimento de capacidades linguístico-textual-discursivas do sujeito.

10. Visa tornar conscientes os conhecimentos linguísticos e gramaticais, que culminam em discursos sociais.
11. Realiza-se por meio das atividades linguísticas, epilinguísticas e metalinguísticas.
12. Mobiliza-se por meio de atividades linguísticas, epilinguísticas e metalinguísticas, assim como pelas operações discursivas a agir e a refletir com, pela e sobre a língua.

Fonte: Autores (2024).

Feita a caracterização teórico-metodológica da PAL de abordagem interacionista, passa-se à apresentação do contexto de produção e dos registros de dados da pesquisa conduzida.

## **2 O contexto de produção e a geração de registros**

Com o intuito de discutir o papel das PAL no processo de formação docente no ensino de língua, este artigo parte dos registros de dados gerados em uma pesquisa colaborativa com professores do 5º ano do Ensino Fundamental (EF), em contexto de formação continuada, no ano de 2020, em um município da região Noroeste do Paraná (Ciavolella, 2022). Participaram da pesquisa, além do professor-pesquisador, 24 docentes<sup>ii</sup> que lecionavam para o 5º ano. A seleção por essas profissionais para participarem da pesquisa ocorreu porque já participavam de outros cursos de formação continuada, oferecidos pelos pesquisadores autores deste texto, como atividades de projeto de pesquisa institucional, vinculado à Universidade Estadual de Maringá<sup>iii</sup>.

A pesquisa, de abordagem qualitativa (Bortoni-Ricardo, 2008) e tipificada como colaborativa (Desgagné, 2007), desenvolveu-se em três fases: 1ª fase – autorizações e questionário inicial com os docentes; 2ª fase – curso de formação continuada; 3ª fase – organização, seleção e análise dos dados. Para este artigo, utilizam-se, como dados, os registros recolhidos no questionário inicial, bem como as interações e as atividades produzidas durante o curso de formação continuada. Durante os processos de descrição metodológica e analítica, os princípios interacionistas da AL e da PAL definidos por Geraldi são retomados, para demonstrar a sua relevância no processo de construção da pesquisa.

### **2.1 Os sujeitos participantes**

Depois de obtidas as autorizações para a realização da pesquisa, o primeiro passo efetivamente foi a aplicação de um questionário inicial às professoras participantes com o objetivo de conhecer o perfil profissional, a atuação nas práticas pedagógicas de LP e os conhecimentos sobre AL, cujos dados principais passam a ser descritos e discutidos.

As 24 professoras participantes da pesquisa atuavam em sala de aula do 5º ano como regentes ou estavam em função administrativa, seja como coordenadora escolar ou como parte da equipe da Secretaria Municipal de Educação. A maioria delas possui mais de 5 anos de experiência com o ano escolar em questão e somente três apresentavam menos de 5 anos. Com relação à formação acadêmica, destaca-se que somente 6 são formadas em Letras. A maioria, 18 professoras, possui licenciatura em Pedagogia e as demais em outras licenciaturas e até mesmo apenas o Magistério, em nível de Ensino Médio. Esse dado explicita uma lacuna na formação do professor dos anos iniciais para o trato com as práticas de linguagem, posto que a formação de base, muitas vezes, não contempla componentes curriculares que discutem especificamente aspectos teórico-metodológicos sobre linguagem e língua, tal como expõem Abreu, Bazzo e Godoy (2013). O conhecimento sobre linguagem e língua é fundamental para que o professor tenha clareza não só do “porquê”, mas sobretudo do “para quê” ensinar a Língua Portuguesa (Geraldi, 1984c[1981]. Tal constatação só reforça a necessidade de pesquisa, assim como a aqui descrita, que busque contribuir pragmaticamente na formação do professor dos anos iniciais para o trato com as práticas de linguagem em sala de aula.

Por esse motivo, quando questionadas sobre qual dos eixos de ensino - leitura, oralidade, produção textual ou análise linguística – mais contemplavam em sala de aula, a AL apareceu em último lugar, por seu turno a oralidade e a leitura foram as práticas mais abordadas. A ausência da formação específica sobre a AL pode ser interpretada como um dos motivos a fazer com que a AL, em relação às outras práticas, seja menos efetivada em sala de aula, aspecto que se comprova, pela pesquisa, ao constatar a afirmação que a maioria das

professoras estava, pela primeira vez, participando de uma formação específica sobre este eixo de ensino.

Com o propósito de conhecer a compreensão das professoras sobre a AL, foi lhes perguntado: “O que é o trabalho com a AL?”. Sobressaiu-se, na maioria das respostas, o discurso muito comum que associa a AL ao ensino de gramática: *“um trabalho mais aprofundado com a gramática”*; *“é o trabalho com o estudo da gramática”*. Nota-se a não compreensão das especificidades da AL e a crença de ser somente uma nova nomenclatura para a conhecida prática do ensino tradicional de gramática, como mostram as pesquisas de Moraes (2002), Silva (2015); Correia Neto; Silva (2017). Nesse sentido, observa-se a não compreensão de que o trabalho com a AL, em tese, baseia-se em deslocamento de objeto de ensino (gramática) para uma prática: a reflexão sobre a língua em situação de uso (Geraldi, 2009).

Outro discurso retomado nas respostas, porém, em menor caso, foi a relação da AL com o texto e com os gêneros textuais: *“Acredito ser um trabalho com gramática envolvendo os gêneros textuais”*, *“Para mim é um trabalho contextualizado entre gramática e os textos nos variados gêneros”*. As respostas aludem à proposta de gramática contextualizada ou a gramática a partir de textos e de gêneros textuais, que ganhou força com os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN (Brasil, 1997; 1998), que definiram o gênero textual como objeto de ensino. Apesar da reprodução do discurso orientador da prática pedagógica a partir do texto, as respostas não avançam em descrever ou explicar que tipo de trabalho é feito pela AL com a gramática e com o texto.

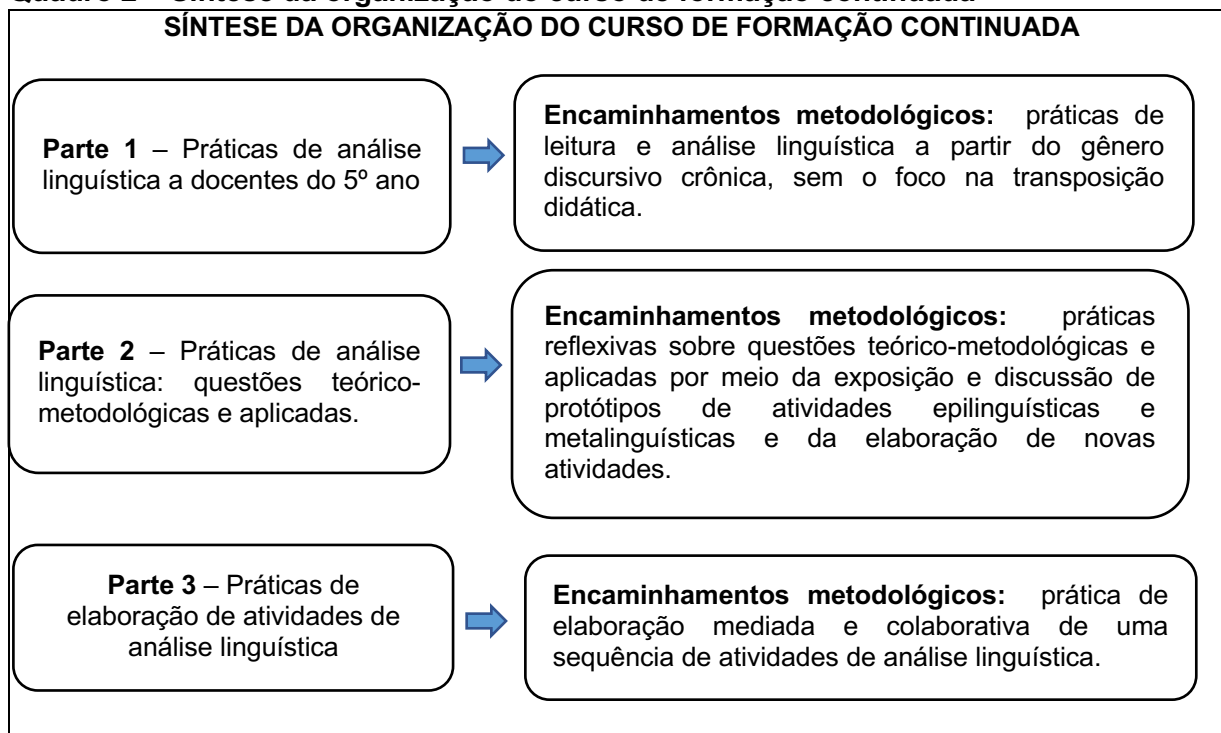
Poucas docentes parecem compreender a AL como um espaço de reflexão sobre a língua: *“Para mim o trabalho com a análise linguística consiste em fazer com que o estudante reflita sobre a língua e não apenas que decore a gramática”*, *“É o trabalho de análise de uma língua e seu funcionamento”*, o que já era de certa forma esperado. Essas respostas remetem, conquanto que sem maiores explicações, aos princípios da AL, preconizados por Geraldi (1984a; 1984b[1981]; 1984c[1981]; 1984d[1983]; 1991), por associar a uma perspectiva de ensino de língua que não se limita à memorização das regras gramaticais, mas, sim, ao caráter reflexivo da língua.

Conhecer as compreensões iniciais sobre AL possibilitou entender que, de forma geral, não havia clareza nem teórica nem metodológica sobre este eixo de ensino, o que ajuda a explicar por que a AL quase não se fazia presente nas aulas de LP. O contexto apresentado também revela que as professoras não tinham formação específica sobre AL, tampouco tinham vivências efetivas em práticas de análise linguística, fatores que foram cruciais para a escolha da orientação teórico-metodológica a ser adotada no curso de formação continuada. Ao comungar da premissa de que o texto deve ocupar o centro do processo de ensino, por ser “porto de passagem” para a constituição do sujeito (GERALDI, 1991), adotou-se, como orientação teórico-metodológica para o curso de formação continuada conduzido com as participantes, o desenvolvimento de práticas de linguagens, de modo particular, em práticas de análise linguística, a colocar os docentes em situações concretas de reflexão sobre a língua.

### **3 Caracterização da PAL na formação docente sobre AL**

O curso de formação continuada teve por objetivo contribuir para a formação do professor para ser um agente mediador de PAL nas aulas de LP. Por esse motivo, adotou-se, como encaminhamento teórico-metodológico, a inserção dos docentes em práticas de linguagem, de modo especial, em PAL. O curso estava previsto para ocorrer em encontros mensais em 2020. Porém, devido à pandemia de COVID-19, apenas o primeiro encontro aconteceu presencialmente e a continuidade da formação passou a ser realizada de forma remota, por meio do *Google Meet*, semanalmente, cujos encontros eram gravados e ficavam disponíveis para posterior visualização. Para cada encontro *online*, havia uma Atividade Colaborativa que era realizada em grupo pelas docentes, também reunidas remotamente, em horário diferente do que ocorria o curso, e entregue via e-mail. O curso foi organizado em três etapas, cuja síntese expõe-se no Quadro 2.

**Quadro 2 – Síntese da organização do curso de formação continuada**



Fonte: Ciavolella (2022).

Para a caracterização da PAL de abordagem interacionista, o recorte escolhido, para este artigo, é a primeira parte do curso de formação continuada. Especificamente, analisa-se a PAL desenvolvida no 3º encontro da primeira etapa, cujos registros se constituem pelas atividades elaboradas pelo pesquisador, bem como pelas suas interações com as professoras participantes do curso desenvolvidas nesse momento. Os critérios de análise são as características da PAL, de abordagem interacionista, discutidas na Seção 1 e sintetizadas no Quadro 1.

A primeira etapa do curso inseriu as docentes em vivências efetivas de práticas de linguagem de leitura e de AL, para que pudessem construir sentidos e refletir acerca dos sentidos e dos valores que se marcam pelos recursos expressivos que constituem os enunciados, sem o propósito de discutir especificamente as questões metodológicas e de transposição didática. Sendo assim, as atividades de leitura e de AL constituem-se como práticas de interação verbal e é nelas que os sujeitos se constituem ao passo que também aprendem com, pela e sobre a linguagem (Gerald, 1991). Por isso, a intenção por iniciar o

curso com atividades de leitura e de AL em detrimento de estudo exclusivamente teórico sobre o tema foi a de inserir e apresentar às professoras vivências efetivas de PAL, a fim de que pudessem experienciar, na prática, possibilidades para serem desenvolvidas em momento posterior com seus estudantes. O ensino de Língua Portuguesa, pautado em práticas de linguagem, visa muito mais que a aprendizagem de conteúdos sistematizados; visa à construção de novos conhecimentos e de sentidos sobre a língua e sobre os acontecimentos sociais que perpassam a vida dos sujeitos na sociedade: “Enfim, trata-se de pensar o ensino não como aprendizagem do conhecido, mas como produção de conhecimentos que resultam, de modo geral, de novas articulações entre conhecimentos disponíveis” (Geraldi, 2015 [2003], p.81).

A primeira etapa ocorreu em três encontros, sintetizados no Quadro 3.

**Quadro 3 – Síntese da primeira parte do curso de formação continuada**

<b>1º Encontro Presencial</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>● Prática de leitura da crônica “Comunicação”, de Luis Fernando Verissimo, com atividades, a explorar as dimensões verbal e extraverbal do enunciado.</li><li>● Prática de análise linguística com atividades epilinguísticas e metalinguísticas, a refletir sobre os recursos expressivos como possibilidades de construção de sentido e de valores sociais.</li><li>● Proposta de Atividade Colaborativa 1 – Prática de leitura com a crônica “Uma lição inesperada”, de João Anzanello Carrascoza.</li></ul>
<b>2º Encontro remoto</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>● Retomada das discussões do 1º encontro.</li><li>● Socialização da Atividade Colaborativa 1 - Prática de leitura com a crônica “Uma lição inesperada”, de João Anzanello Carrascoza.</li></ul>
<b>3º Encontro remoto</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>● Prática de análise linguística com enfoque nos sentidos e nas valorações produzidos, por meio da utilização da classe gramatical de artigos na crônica “Uma lição inesperada”, de João Anzanello Carrascoza.</li><li>● Orientação da Atividade Colaborativa 2: prática de análise linguística com a crônica “Uma lição inesperada”, de João Anzanello Carrascoza, com foco nos adjetivos.</li></ul>

Fonte: autores (2024).

No terceiro encontro, foi desenvolvida uma PAL cujo objetivo era refletir sobre os sentidos e as valorações sociais<sup>iv</sup> marcadas pela utilização dos artigos definidos e indefinidos na crônica “Uma lição inesperada”, de João Anzanello Carrascoza. Escolheu-se o trabalho com enunciados representativos do gênero crônica, por estar presente no livro didático adotado pela Secretaria Municipal de Educação e por ser comum no 5º ano. No Quadro 4, expõem-se as atividades utilizadas, para se realizar a caracterização da PAL.

**Quadro 4 – Atividade de Análise Linguística com a crônica “Uma lição inesperada”**

Atividade de Análise Linguística – Crônica “Uma lição inesperada”.

1) Releia novamente o primeiro parágrafo da crônica:  
“No último dia de férias, Lilico nem dormiu direito. Não via a hora de voltar à escola e rever os amigos. Acordou feliz da vida, tomou o café da manhã às pressas, pegou sua mochila e foi ao encontro deles. Abraçou-os à entrada da escola, mostrou o relógio que ganhara de Natal, contou sobre sua viagem ao litoral. Depois ouviu as histórias dos amigos e divertiu-se com eles, o coração latejando de alegria”.

a) Na frase “Não via a hora de voltar à escola e rever os amigos”, se, em vez do artigo definido “os”, fosse usado o artigo indefinido “uns”, a frase continuaria com o mesmo sentido?  
b) É possível associar algum valor à utilização do artigo “os” para acompanhar o substantivo amigos?  
c) O valor de vínculo afetivo por meio do artigo definido também é exposto em outros exemplos do primeiro parágrafo. Quais são eles?

2) Observe a utilização dos artigos quando Lilico passa a descrever os colegas de classes, logo no início da crônica:  
a) Se em vez de artigos indefinidos “um”, “uma”, fossem usados artigos definidos “o” “a”, teríamos o mesmo sentido?  
b) A utilização dos artigos indefinidos nesses trechos contribui para a formação de qual valor de Lilico em relação a esses amigos?

3) Observe a utilização dos artigos, depois que Lilico conheceu de verdade seus novos colegas.  
“Lilico caiu com o japonês, a menina gaúcha, o mulato e o grandalhão. Começaram a conversar cheios de cautela, mas paulatinamente foram se soltando, a ponto de, ao fim do exercício, parecer que se conheciam há anos. Lilico descobriu que o japonês não era *nerd*, não: era ótimo em Matemática, mas tinha dificuldade em Português. A gaúcha, que lhe parecera tão metida, era gentil e o mirava ternamente com seus lindos olhos azuis. O mulato era um caçara responsável, ajudava o pai desde criança e prometeu ensinar a todos os segredos de uma boa pescaria. O grandalhão não tinha nada de bobo”.

a) Nesse momento da crônica, seria pertinente que, em vez dos artigos definidos, fossem utilizados artigos indefinidos?  
b) De forma geral, como é possível associar o uso dos artigos definidos e indefinidos com os valores construídos na crônica?

Fonte: Ciavolella (2022).

A PAL é, por excelência, uma prática de linguagem e, por isso, está sempre atrelada às práticas de leitura e de escrita (Geraldi, 1991). No caso da formação, as atividades de AL foram precedidas pelas de leitura com a crônica “Uma lição inesperada”, de João Anzanello Carrascoza, desenvolvidas nos encontros anteriores e com elas mantém interação no percurso formativo.

A PAL tem objetivo de levar os estudantes a refletirem sobre a língua a partir dos recursos expressivos que a constituem (Geraldi, 1991). Por esse motivo, escolheu-se abordar, como recursos expressivos, a utilização dos artigos definidos e indefinidos na crônica “Uma lição inesperada”, de João Anzanello Carrascoza, dentre outros recursos possíveis. Em uma PAL, não



necessariamente deve-se escolher apenas um tipo de recurso expressivo como objeto de análise, até porque todos os que constituem o texto contribuem para o processo de construção de sentidos. Porém, optou-se por focalizar aspectos pontuais a fim de explicitar como, em contexto de uso efetivo, ou seja, em um enunciado concreto, constituem-se como possibilidades de construção linguística e de sentidos. Nesse momento, também não foram explicadas nem discutidas as características teórico-metodológicas dos tipos de atividade de análise linguística (epilinguística e metalinguística), posto que o foco era inserir os docentes em prática de reflexão sobre a língua. Nesse sentido, a pesquisa amplia as proposições de Geraldi (1984a; 1991), porque acredita que o texto precisa ser a unidade central de todo percurso formativo, seja na Educação Básica, seja na formação inicial e continuada de professores.

A atividade 1) abordou os sentidos e os valores que podem ser construídos a partir da utilização dos artigos definidos na parte inicial da crônica analisada. Nela, o personagem principal Lilico acorda ansioso para o primeiro dia de aula, porque desejava rever seus amigos. O afeto e a saudade, que ele tinha de seus amigos, marcam-se, dentre outros recursos expressivos, pela utilização dos artigos definidos. A questão 1a) questionou, a partir de um excerto do início da crônica, se a troca do artigo “os” pelo artigo “uns” acarretaria mudança de sentido, aspecto que foi compreendido pelas professoras:

**Pesquisador** (após ler o enunciado da questão 1a): “Quem gostaria de responder? Eu vi que tem gente já balançando a cabeça dizendo que não, alguém quer responder por que não teria o mesmo sentido?”

**Professora Fátima<sup>v</sup>**: “Porque o ‘os’ está definindo, seriam os amigos dele. Agora ‘uns’ já é indefinido. Seriam quaisquer outros (amigos)”.

**Pesquisador**: “Exato. Seria qualquer amigo, é essa ideia mesmo”.

A atividade permitiu a reflexão sobre os sentidos que os artigos podem estabelecer em contexto de uso efetivo da língua. Conforme assinala Geraldi (2009), é na prática, isto é, pela interação verbal que os sentidos se constroem. Para o autor, todo fenômeno linguístico possui certa relatividade, porque ele carrega uma historicidade, um funcionamento sistêmico, porém o sentido só se constrói quando é analisado a partir do contexto de sua produção: “a língua não

se constitui por um conjunto de recursos expressivos formal e semanticamente determinados, pois se assim não fora, seria impossível o jogo entre reconhecimento e compreensão” (Geraldi, 2009, p.2).

Por conseguinte, A PAL vai além da aplicação conceitual de um tópico gramatical em um texto, porque busca a construção de sentido, isto é, possibilidades de compreensão específicas dos recursos expressivos a partir do contexto em que foram mobilizados. No exemplo reportado, a Professora Fátima constrói sentido sobre o uso dos artigos, porque não se limita a reproduzir a conceituação semântica tradicional associada a essa classe de palavra, ou seja, não se restringe a afirmar que o artigo “os” define o substantivo, pois estabelece sentidos específicos possibilitados no contexto da crônica, por isso afirma que o artigo definido “os” tem por sentido marcar os amigos do personagem principal: “seriam os amigos dele”.

A partir do exemplo, é possível caracterizar a PAL como uma prática de reflexão sobre a língua, a diferenciar-se de uma atividade de gramática contextualizada ou de gramática a partir de textos. Conforme afirma Geraldi, a PAL é “entendida como uma reflexão sobre os recursos linguísticos mobilizados tanto na produção quanto na leitura de textos. Isto não excluiria, por princípio, um estudo da gramática, mas o importante deixou de ser conhecer a descrição gramatical, para se dar mais ênfase à atividade do falante de refletir sobre a linguagem” (Geraldi, 2009, p.4). Em primeira instância, o propósito inicial não é a aprendizagem de um tópico gramatical por si. O foco da AL é a reflexão sobre a língua por meio dos recursos expressivos para os quais os conteúdos gramaticais são o meio e não o fim. Escolheu-se o conteúdo de artigos definidos e indefinidos com meio para promover a reflexão linguística. Para tanto, os conhecimentos sobre a gramática da língua corroboram no processo de reflexão sobre a língua. Dessa forma, há, sim, espaço para a aprendizagem dos conteúdos gramaticais, por meio das atividades metalinguísticas, mas não pela metalinguagem em si, mas a partir do entendimento de que os conhecimentos gramaticais, em reflexão pelo uso, podem contribuir com o desenvolvimento das capacidades linguístico-discursivas do sujeito.

A próxima atividade teve por objetivo evidenciar que, por meio dos recursos expressivos, os valores sociais também são marcados. Em 1b) pergunta-se sobre o valor que o artigo “os” pode denotar ao acompanhar o substantivo “amigos” no contexto inicial da crônica. Foi possível observar, no momento da interação, o reconhecimento da valoração expressa no excerto em análise:

**Pesquisador** (após ler o enunciado da questão 1b): “O que é valor? Valor é um juízo, um julgamento. Quando ele (o personagem) fala que quer rever os amigos, que valor, que juízo a gente pode ver aí?”

**Professora Alana:** “Eu acredito que ele gosta muito dos amigos. No caso estava com saudades”.

**Pesquisador:** “Isso, Alana. Esse gostar que você falou é a palavra-chave. O gostar mostra o valor de afeto”.

**Professora Alana:** “Afeto, exatamente”.

A PAL privilegia ações de reflexão sobre a língua em diferentes níveis de análise, seja nos âmbitos linguístico, textual ou discursivo, a depender dos objetivos e do contexto de ensino em que é realizada. No caso da atividade 1b), a análise abrange o nível linguístico-discursivo, porque almeja a compreensão de que, além de um papel sintático-referencial na construção do texto, os artigos definidos carregam valorações sociais a partir da temática tecida na crônica. A professora Alana, ao afirmar que o artigo “os” estabelece uma relação valorativa de “gostar”, realiza uma ação de refletir sobre a língua sob o prisma linguístico-discursivo, porque reconhece a valoração a partir da análise do recurso expressivo no contexto da crônica, com base em suas vivências e experiências pessoais. Por esse motivo, a PAL, por buscar o reconhecimento das valorações sociais, caracteriza-se como uma atividade que põe em evidência uma ação da linguagem: contribuir com a constituição do sujeito para que possa observar a inevitável relação que existe entre a linguagem e o mundo (Geraldi, 1991). Por conseguinte, torna-se possível compreender porque a PAL tem por objeto de análise os recursos expressivos com valor, uma vez que não se trata da análise da língua pela língua, como um sistema abstrato, fechado e apartado da vida social, mas, sim, da língua viva, em que os sentidos, os valores, as ideologias revestem o material semiótico, isto é, os recursos expressivos. Bakhtin (2013[1940-1960]) ressalta que toda forma gramatical em um enunciado

concreto é também uma forma expressiva e representativa, por conseguinte, inevitavelmente se reveste do conteúdo extraverbal axiológico. Por esse motivo, Geraldi (1991) assinala que tomar os recursos expressivos como objeto de análise favorece o processo de construção de sentido, por serem a pista a orientar o processo interlocutivo:

Construir sentidos no processo interlocutivo demanda o uso de recursos expressivos: estes têm situacionalmente a garantia de sua semanticidade; e têm esta garantia precisamente por serem recursos expressivos que levam inevitavelmente o outro a um processo de compreensão, e este processo depende também das expressões usadas e não só de supostas intenções que o interlocutor atribua ao locutor (Geraldi, 1991, p.11).

Em sequência, a atividade 1c) também aborda a questão valorativa e, por isso, solicitou a análise da crônica a fim de observar se, em outros excertos, o uso dos artigos definidos também conferia o valor de afeto, tal qual discutido na questão 1b). Foi possível observar que a atividade proporcionou às docentes realmente operarem com, pela e sobre a língua, conforme se detalha nos diálogos:

**Pesquisador** (depois de ler o enunciado da questão 1c): “Ainda nesse primeiro parágrafo, nós conseguimos ver outras frases que marcam esse valor de afeto. Ali nesse mesmo parágrafo, a gente consegue ver esse afeto por meio dos artigos. Que frases ali vocês conseguem ver o afeto por meio dos artigos?”

**Professora Alana:** “Tomou o café da manhã”.

**Pesquisador:** “Isso, exatamente”.

**Professora Alana:** “Não foi qualquer café, tomou ‘o’ café da manhã”.

**Pesquisador:** “Isso. Tomou o café da manhã do primeiro dia de aula”.

**Professora Maria:** “E aquela (frase) ‘mostrou ‘o’ relógio que ganhara de Natal’?”

**Pesquisador:** “Perfeito, professora, esta (frase) também é. Tem mais alguma?”

**Professora Cláudia:** “Ouvii as histórias de alegrias.”

**Pesquisador:** “Está certo, não eram quaisquer histórias.”

**Professora Márcia –** “Aquele lá... ‘O coração latejando de alegria’”

**Pesquisador:** “Outra que eu gostaria de mostrar para vocês é a frase “Não a vi a hora”. Olha só... a gente olha para o texto, encontra os valores e nem falamos de teoria...”

Observa-se um caso tipicamente de atividade de AL, porque se caracteriza como uma operação sobre a língua. Constituem-se, como operações com a língua, para Geraldi (1991), as que mobilizam negociações de sentido, por exemplo, hesitações, correções, autocorreções, explicações, dentre outras. Para o autor, de uma forma geral, as operações sobre a língua “revelam imagens que se fazem os interlocutores, imagens que fazem da situação ou do registro linguístico adequado para cada situação” (Geraldi, 1991, p.229). Na PAL, as atividades de AL, sejam epilinguísticas ou metalinguísticas, mobilizam operações linguístico-discursivas a fim de se pensar sobre o processo de construção textual por meio da escolha dos recursos expressivos. São atividades que conduzem os sujeitos a tomarem uma atitude ativa no agir com a língua em busca da construção de sentidos e, por conseguinte, acarreta também a construção de conhecimentos sobre a língua. No exemplo reportado, as professoras leram o texto e, como foco de análise nos artigos definidos, como recursos expressivos, refletiram sobre a valoração marcada.

Na sequência, a atividade 2) teve por foco o uso dos artigos indefinidos a fim de comparar se, nos excertos selecionados, poderiam ser substituídos pelos artigos definidos. Na crônica, o personagem principal, ao chegar na escola, descobre que estudará em uma classe sem seus amigos e passa a descrever os estudantes que via pela primeira vez. O estranhamento, o não conhecimento sobre os novos amigos, marca-se, entre outros recursos expressivos, também pela escolha dos artigos indefinidos. Assim, as atividades buscaram refletir sobre o uso dos artigos indefinidos nesse contexto. No diálogo a seguir, as professoras compreendem que a escolha dos artigos não é aleatória, mas está relacionado ao processo de construção de sentido:

**Pesquisador:** (após ler o enunciado da questão 2a): “Seria adequado, pertinente nesse momento falar assim: tinha “o” japonês, tinha “a” garota, teria o mesmo sentido ou não? Não? Mudaria o sentido? Já estou vendo algumas pessoas mexendo com a mão. Alguém gostaria de falar?”

**Professora Maria:** “Sim, mudaria sim, **mudaria muito**. Porque o “um” e “uma”, “uns”, “umas” cria um distanciamento das pessoas com as outras pessoas. E “o”, “a”, “os”, “as”, aproxima, é alguém já próximo, alguém já conhecido, seria isso?”

**Pesquisador:** “É isso, é o valor da proximidade e não proximidade, você foi certa. O ‘uns’ mostra o distanciamento, essa não proximidade. E eu acho

que você já respondeu a próxima questão 2b), ou seja, porque você já reconheceu o juízo de valor de distanciamento”.

A professora Maria, quando questionada se os sentidos mudariam pela alteração dos artigos indefinidos pelos definidos, foi enfática ao afirmar “mudaria muito”, o que demonstra o potencial da atividade em propiciar a reflexão sobre os recursos expressivos como possibilidades de construção de sentidos. Por isso, tornam-se importantes que, na PAL, as atividades questionem as escolhas linguísticas, que sugiram outras, que estabeleçam comparação entre os recursos expressivos, a fim de observar as possibilidades de criação linguísticas em face aos objetivos dos textos e, conseqüentemente, dos sentidos. Sobre esse ponto, Franchi (1991[1987]) advoga sobre a necessidade de o ensino de LP abordar o aspecto criativo da gramática em primeira instância para posteriormente ser as noções conceituais explanadas.

Com isso, parece-me, reintroduz-se na gramática o seu aspecto criativo: o que permite ao falante compreender, em um primeiro passo, os processos diferenciados de construção das expressões para, depois, um dia e se for o caso, construir um sistema nocional que lhe permita descrever esses processos, falar deles, em uma teoria gramatical (Franchi, 1991[1987], p. 20).

A atividade 3), em continuidade ao trabalho de análise dos artigos na crônica, diz respeito ao momento final do texto. Depois de conhecer os novos colegas de classe, Lilico muda sua impressão sobre eles. Nesse momento, a escolha linguística para se referir aos novos amigos não são mais os artigos indefinidos, são os definidos. Perguntou-se, assim, sobre a pertinência dessa escolha linguística no contexto reportado.

**Pesquisador:** (após ler o enunciado da questão 3a): “E nesse momento seria pertinente se em vez dos artigos “o”, “a” usar os artigos indefinidos?”

**Professora Alana:** “Eu acredito que não, porque agora ele já conheceu as crianças e já se tornaram amigos, então agora é “o” japonês, não é mais um japonês.”

**Pesquisador:** “Exato, não seria pertinente, porque como a professora Alana mencionou, eles já eram próximos. Quando nós lemos pela primeira vez a crônica nós já tínhamos pensado nessa questão dos artigos? A gente não pensa nisso. Por isso essas atividades desenvolvem um trabalho de análise,

de análise linguística. Mas não é aquela análise de ir ao texto e classificar o artigo em masculino e feminino. Não. É a análise levando em conta o sentido.”

A construção de sentidos proporcionada pela PAL leva em consideração o uso dos recursos expressivos no texto, a partir do contexto em que está inserido e, por isso, proporciona o processo de construção de sentidos. A professora Alana reconhece que o sentido não seria o mesmo com a alteração do artigo definido pelo indefinido e, como justificativa, aponta o processo de construção de sentido em relação ao desenvolvimento do texto. Cita que “agora”, isto é, nesta parte da crônica, não é possível a alteração dos artigos definidos pelos indefinidos em razão do desenvolvimento temático da crônica. Assim, esclarece-se que “contrapor à prática tradicional do ensino de conteúdos gramaticais uma prática baseada em textos enquanto uma alternativa cujas preocupações fundamentais fossem as operações de construção de textos” (Geraldi, 1996, p.131). Por isso, as atividades de AL contribuem para o desenvolvimento das capacidades linguístico-textuais-discursivas, porque colocam os sujeitos em processo de reflexão sobre as escolhas linguísticas como estratégias de dizer durante o processo interlocutivo.

A questão 3b), a última da atividade do 3º encontro, buscou refletir sobre o processo de valoração expresso na crônica por meio dos artigos definidos e indefinidos. É uma questão que retoma toda a discussão conduzida até então. O percurso de atividades possibilitou a compreensão de como a valoração foi tecida ao longo da crônica:

**Pesquisador:** (após ler a questão 3b) “Vamos reparar na transformação de Lilico, porque ele aprende na crônica. Como essa transformação pode ser visualizada na utilização dos artigos? Então, de que forma a gente pode associar? No início, Lilico tinha atitudes de pré-julgamentos. Nesse momento, que tipos de artigos foram usados?”

**Professora Maria:** “Artigos indefinidos. E os definidos significam já que ele já criou uma afetividade com esses amigos e daí ele viu que não era mais aquilo ele pensava no início das aulas.”

Na PAL, é fundamental elaborar um percurso de atividades que possibilite a reflexão linguística sempre a partir do texto. Nesse sentido, corrobora-se para

a construção de conhecimentos sobre os recursos linguísticos e gramaticais para além daqueles já descritos pela literatura especializada: “importa muito mais aprender a aprender do que aprender o já sabido e definido. O conhecimento sistematizado deve fazer parte do percurso e não ser o fim do processo” (Gerald, 2015[2003], p.101) A professora Maria demonstra compreender que, na crônica, os artigos definidos e indefinidos são associadas ao processo valorativo construído, a demonstrar que a PAL promove a construção de conhecimentos sobre a língua. No Quadro 5, sistematiza-se a caracterização da PAL a partir das atividades desenvolvidas no curso de formação continuada.

#### **Quadro 5 – Caracterização da Prática de Análise Linguística**

<b>Características da PAL de abordagem interacionista</b>	<b>Caracterização da PAL de abordagem interacionista desenvolvida na formação continuada</b>
1.Constitui-se como uma prática de linguagem de interação humana, sempre em relações sociais definidas.	1.A prática desenvolvida promoveu a interação entre os sujeitos em operações de reflexão sobre a linguagem, a ter por objeto de análise a crônica “Uma lição inesperada”, de João Anzanello Carascoza.
2.Promove uma relação interlocutiva de constituição dos sujeitos socialmente posicionados.	2.As atividades contribuíram para a constituição dos sujeitos, porque os levou a refletirem sobre os sentidos e as valorações sociais expressas pelos recursos expressivos.
3.Centra-se nas ações feitas com, sobre e da linguagem.	3.Por meio das atividades, os sujeitos refletiram com, pela e sobre a língua e puderam observar a atuação da linguagem na constituição do sujeito e na construção das referências e de valores a respeito do que existe na sociedade.
4.Realiza-se na e a partir das práticas de leitura e de escrita, destacando-se o processo de produção de texto, nas etapas de revisão e reescrita.	4.As atividades de AL ocorreram em interação à prática de leitura com a crônica “Uma lição inesperada”, de João Anzanello Carascoza.
5.Adota-se como objeto de ensino a língua e não a gramática, mesmo sabendo-se que esta é considerada como aspecto necessário ao ensino e à aprendizagem.	5.As atividades de AL tiveram por objeto de ensino a língua por meio de sua materialização nos recursos expressivos, de forma específica, na análise dos artigos definidos e indefinidos.



6. Compreende-se a língua à luz da linguagem, em seus amplos aspectos humanos.	6. As atividades não abordaram a língua pela língua, mas, sim, como recursos expressivos em práticas de linguagem.
7. Não desconsidera os conhecimentos gramaticais, inclusive, aqueles da gramática tradicional.	7. As atividades mobilizaram os conhecimentos gramaticais sobre os artigos definidos e indefinidos, entretanto não como fim, mas como meio para a reflexão linguística.
8. Entende-se a gramática como um saber linguístico, portanto, como um conjunto de possibilidades de construção linguística, sempre com viés social, discursivo e valorativo.	8. As atividades, ao terem por foco a análise dos artigos definidos e indefinidos como recursos expressivos na crônica, permitiram a compreensão de que são possibilidades de construção linguísticas disponíveis na língua.
9. Visa, em primeira instância, o desenvolvimento de capacidades linguístico-textual-discursivas do sujeito.	9. As atividades contribuíram para o desenvolvimento das capacidades linguístico-textual-discursivas ao possibilitar a reflexão de que a mobilização dos recursos expressivos é escolha do sujeito atrelada aos projetos de dizer.
10. Visa tornar conscientes os conhecimentos linguísticos e gramaticais, que culminam em discursos sociais.	10. As atividades possibilitaram construir conhecimentos sobre os artigos definidos e indefinidos, sob o âmbito linguístico-textual e discursivo.
11. Realiza-se por meio das atividades linguísticas, epilinguísticas e metalinguísticas.	11. Na PAL, desenvolveram-se as atividades linguísticas e epilinguísticas, a abrir espaço para as atividades metalinguísticas ocorridas em etapa posterior.
12. Mobiliza-se por meio de atividades linguísticas, epilinguísticas e metalinguísticas, assim como pelas operações discursivas a agir e a refletir com, pela e sobre a língua.	12. Por meio das atividades desenvolvidas, os sujeitos agiram com a língua ao refletir sobre as possibilidades linguísticas e de sentidos agenciados pelos recursos expressivos.

Fonte: Autores (2024).

A partir da caracterização exposta, passa-se à discussão sobre as possibilidades de inserção da PAL no processo de formação docente.

#### 4 As possibilidades de inserção da PAL no processo de formação docente

O curso de formação continuada inseriu as professoras participantes em práticas de análise linguística. A partir da caracterização exposta na seção anterior, apontam-se e discutem-se as principais possibilidades de desenvolver PAL no processo de formação docente.

Em primeira instância, a inserção das docentes em PAL contribuiu para a compreensão de princípios fundamentais da concepção de linguagem e de língua sob o prisma da interação, de forma especial, que a língua é constituída por recursos expressivos, signos ideológicos, que, em um texto, produzem sentidos e refletem valores sociais (Bakhtin, 2011 [1979], p.289). A proposta de PAL é erigida e só faz sentido a partir do entendimento de que a linguagem é uma prática de interação e de constituição dos sujeitos (Geraldi, 1991). Por conseguinte, torna-se fundamental o conhecimento de seus princípios para a concretização de uma PAL, do contrário o texto constituiria um mero pretexto para o ensino de gramática tradicional (Geraldi, 1991).

A compreensão dos princípios interacionistas da linguagem justificam o porquê de o texto ser a unidade central do ensino de LP a ser consubstanciados em práticas de linguagem de escrita, de leitura e de AL, a ressaltar, conforme afirma Geraldi (1984a), que a escolha de um objeto de ensino subjaz a uma concepção de linguagem. No caso da formação desenvolvida, optou-se por apresentar tais princípios nas atividades de AL, explicitando a relação entre linguagem e sociedade que se manifesta por meio da língua a partir dos recursos expressivos que a constituem, pois, como afirma Geraldi (1991), os processos interlocutivos ocorrem por meio de um trabalho linguístico ativo dos sujeitos, ou seja, de ações linguísticas.

Dessa forma, o curso de formação buscou explicitar os princípios da concepção interacionista de linguagem por meio de atividades que mobilizassem os sujeitos a agir com, pela e sobre a língua, a fim de perceber a dinâmica da linguagem de construir referências para o que existe no mundo, mas, também, para que se reflita sobre seu funcionamento. Logo, as atividades questionaram a respeito dos sentidos e valorações marcadas por meio dos artigos definidos e indefinidos em um enunciado concreto, no caso a crônica analisada, o que possibilitou a compreensão de que os recursos expressivos são estratégias de

dizer e possibilidades de construção de sentido oferecidos pela língua, princípios fundamentais da concepção interacionista de linguagem e para a PAL.

Por conseguinte, aponta-se que a inserção dos docentes em PAL possibilitou a compreensão do que é a AL, de qual é seu objeto de análise, bem como de possibilidades de efetivar-se na prática pedagógica. No questionário inicial, a maioria das professoras responderam que a AL era o ensino de gramática, a demonstrar a não compreensão do objeto de ensino da PAL. Dessa forma, as atividades desenvolvidas possibilitaram a compreensão de que o seu objeto é a língua, por meio dos recursos expressivos, sempre a partir de um enunciado concreto com o objetivo de refletir sobre os sentidos e o funcionamento da língua.

Além disso, destaca-se, como contribuição, que a formação proporcionou vivências efetivas de práticas de análise linguística. As atividades possibilitaram que os sujeitos pudessem efetivamente agir com, pela e sobre a língua, por meio da reflexão sobre o funcionamento, dos sentidos e dos recursos expressivos na crônica. Há relevância nessa constatação, pois, em sala de aula, para que o professor seja, de fato, um agente mediador de PAL, é preciso que tenha participado de práticas na abordagem, para conhecer o funcionamento, as características, as possibilidades e os desafios.

No questionário inicial aplicado às participantes da pesquisa, constatou-se que a AL era o eixo de ensino menos abordado em sala de aula, entre outros motivos, por não terem formação específica sobre o que é e como fazer a AL nas aulas de LP. O encaminhamento proposto, ao inserir as docentes em vivências efetivas de AL, constituiu-se como um instrumento significativo no processo de formação docente sobre a AL, de forma específica, em exemplificar o como fazer AL em sala de aula.

Dessa forma, reconhece-se o potencial da PAL em contribuir para o desenvolvimento das capacidades de análise e de reflexão com, pela e sobre a língua. É imprescindível que as docentes desenvolvam habilidades necessárias para análise, reflexão e construção de sentidos e de reconhecimento de valores marcados pelos recursos expressivos para que possam elaborar e mediar atividades que contemplem tais demandas.

Portanto, inserir os docentes em PAL no processo de formação docente é ratificar o papel que o texto deve ocupar na centralidade das aulas de Língua Portuguesa no contexto da Educação Básica (Geraldi, 1984a) e também da formação do professor, seja inicial ou continuada.

### **Considerações Finais**

Este artigo discutiu a inserção de Práticas de Análise Linguística no processo de formação docente continuada a respeito deste eixo de ensino. Defendeu-se a tese de que, assim como o texto deve ocupar papel central nas aulas de Língua Portuguesa (Geraldi, 1991), também precisa estar presente no processo de formação docente como mediador de práticas de linguagem. Por isso, pretendeu-se mostrar que tão importante quanto a formação teórica sobre os pressupostos teórico-metodológicos é inserir os docentes em vivências efetivas de PAL.

À luz dos pressupostos interacionistas da linguagem, caracterizou-se o desenvolvimento de uma PAL junto a professores do 5º ano do Ensino Fundamental em contexto de formação continuada. O recorte escolhido para a caracterização trata-se de uma PAL a partir da crônica “Uma lição inesperada”, de João Anzanello Carrocoza. Durante as atividades, os professores puderam agir com, pela e sobre a língua a refletir sobre os sentidos, valores e estratégias de dizer por meio da análise dos recursos expressivos, de modo especial, dos artigos definidos e indefinidos. Observou-se que, diferentemente da gramática tradicional ou da gramática contextualizada, o objetivo da PAL é construir sentidos por meio da reflexão sobre os recursos expressivos (GERALDI, 1991), o que possibilita a aprendizagem e de construção de conhecimentos sobre a língua a partir do uso efetivo.

Portanto, a inserção da PAL no processo de formação docente contribuiu para a compreensão de princípios fundamentais da concepção de linguagem e de língua sob o prisma da interação e possibilitou a compreensão do que é a AL, de qual é seu objeto de análise, bem como de possibilidades se efetivar-se na prática pedagógica. Além disso, proporcionou vivências efetivas de práticas de análise linguística, a destacar o potencial da PAL em contribuir para o

desenvolvimento das capacidades de análise e de reflexão com, pela e sobre a língua. Na realidade, o artigo demonstra que os pressupostos ensinados por Geraldi em suas obras são exequíveis e orientadores sobre o trabalho com a AL em situação de ensino nos anos iniciais.

## Notas

\* Docente do Colegiado de Letras, da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), campus de Paranavaí. Doutor em Letras pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Cianorte, Paraná, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0271-8350>, e-mail: [bruno.ciavolella@unespar.edu.br](mailto:bruno.ciavolella@unespar.edu.br)

\*\* Docente do Departamento de Teorias Linguísticas e Literárias e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Doutor em Letras pela Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho (Unesp). Maringá, Paraná, Brasil. ORCID:<<https://orcid.org/0000-0001-7797-811X>>, e-mail: [renilson@wnet.com.br](mailto:renilson@wnet.com.br).

<sup>i</sup> O texto, para Geraldi, é fruto de uma atividade de linguagem dos sujeitos, inseridos em situação de interação verbal, a partir de condições de produção determinadas. Neste artigo, o texto é entendido como um enunciado concreto (Bakhtin, 2011[1979]), como ocorre nas obras de Geraldi.

<sup>ii</sup> Como todas as participantes da pesquisa são do sexo feminino, são referidas como “as docentes”, “as professoras”, para marcar a sua identidade como mulheres e professoras.

<sup>iii</sup> A pesquisa foi aprovada pelo Comitê Permanente de Ética e Pesquisa com Seres Humanos (COPEP), da Universidade Estadual de Maringá, sob o registro CAEE 19655019.6.0000.0104.

<sup>iv</sup> A pesquisa conduzida, ao abordar a valoração conferida pelos recursos expressivos, amplia as proposições da PAL, a partir dos pressupostos de Geraldi (1991), sem, por sua vez, deixar de reconhecer que a abordagem dos valores é inerente à concepção de linguagem como forma de interação, preconizadas pelo autor. De forma acentua-se a abordagem valorativa e, de forma mais estreita, os pressupostos dialógicos do Círculo de Bakhtin para a PAL, que se encontra em grande profusão no Brasil, pela vertente denominada Práticas de Análise Linguística de abordagem dialógica (POLATO; MENGASSI, 2019; ACOSTA PEREIRA; COSTA-HÜBES, 2021).

<sup>v</sup> Para preservar a identidade das participantes, os nomes são todos fictícios.

## Referências

ABREU, Geisa Spitz Alcoforado de.; BAZZO, Jilvania Lima dos Santos; GODOY, Dalva Maria Alves. O ensino de língua materna nos currículos do curso de Pedagogia. **Revista de Educação PUC-Campinas**, Campinas, v. 18, n. 3, p.341-348, set./dez., 2013. Disponível em <https://seer.sis.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/reeducacao/article/view/2369>. Acesso: 6 mar. 2021.

COSTA PEREIRA, Rodrigo; COSTA-HÜBES, Terezinha da Conceição. (org.). **Prática de análise linguística nas aulas de Língua Portuguesa**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Estética da criação verbal**. Tradução: BEZERRA, Paulo. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011[1979], p. 261-306.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Questões de estilística no ensino de língua**. Tradução: GRILLO, Sheila; AMÉRICO, Ekaterina Vólkova. São Paulo: Editora 34, 2013 [1940-1960].

BRASIL, Secretaria de Ensino Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Língua Portuguesa. Brasília: Secretaria de Ensino Fundamental, 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro02.pdf>. Acesso: 31 mar. 2021.

BRASIL, Secretaria de Ensino Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa: Brasília: Secretaria de Ensino Fundamental, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro02.pdf>. Acesso: 31 mar. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/download-da-bncc>. Acesso em: 20 jan. 2018.

BEZERRA, Maria Auxiliadora; REINALDO, Maria Augusta. **Análise Linguística**: afinal a que se refere? São Paulo: Cortez, 2013.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador**: introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola, 2008.

CIAVOLELLA, Bruno. **Práticas de análise linguística com docentes do 5º ano do Ensino Fundamental**. 2022. 365f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá 2017. Disponível em: <http://www.ple.uem.br/tese-bruno-com-ficha-2.pdf>. Acesso: 03 nov. 2023.

CORREIA NETO, Lino Dias; SILVA, Alexsandro da. O trabalho docente com o eixo de ensino Análise Linguística: uma meta-análise qualitativa de teses e dissertações. In: 10 Encontro Internacional de Formação de Professores, 2017, Aracaju. Educação, Base Nacional Comum Curricular e Formação de Professor. **Anais**[...]. Aracaju: Grupo Tiradentes, 2017. v. 10. p. 01-16. Disponível em <https://eventos.set.edu.br/index.php/enfope/index>. Acesso: out. 2018.

DESGAGNÉ, Serge. O conceito de pesquisa colaborativa: a ideia de uma aproximação entre pesquisadores universitários e professores práticos. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 29, n. 15, p.7-35, ago. 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/4443>. Acesso: 2 jan. 2021.

- FRANCHI, Carlos. **Criatividade e gramática**. São Paulo: Secretaria da Educação, 1991 [1987].
- GERALDI, João Wanderley. (org.). **O texto na sala de aula**: leitura e produção. Cascavel: Assoeste, 1984a.
- GERALDI, João Wanderley. Unidades básicas do ensino de Português. In: GERALDI, João Wanderley. (org.). **O texto na sala de aula**: leitura e produção. Cascavel: Assoeste, 1984b [1981], p.49-69.
- GERALDI, João Wanderley. Concepções de linguagem e ensino de Português. In: GERALDI, João Wanderley. (org.). **O texto na sala de aula**: leitura e produção. Cascavel: Assoeste, 1984c [1981], p.41-48.
- GERALDI, João Wanderley. Prática da leitura de textos na escola. In: GERALDI, João Wanderley. (org.). **O texto na sala de aula**: leitura e produção. Cascavel: Assoeste, 1984d [1983], p.77-88.
- GERALDI, João Wanderley. **Portos de passagem**. São Paulo: Martins Fontes: 1991.
- GERALDI, João Wanderley. Ensino de gramática x reflexão sobre a língua. In: GERALDI, João Wanderley. (org.). **Linguagem e ensino** – exercícios de militância e divulgação. Campinas: ALB/Mercado de Letras, 1996, p. 129-136.
- GERALDI, João Wanderley. Ler e escrever: uma mera exigência escolar. **Revista do SELL**. Uberaba/MG (online) – v. 1, n. 1, p. 01-12, 2008. Disponível em: <https://seer.ufm.edu.br/revistaelectronica/index.php/sell/article/view/20>. Acesso: 03 jul. 2022.
- GERALDI, João Wanderley. Deslocamentos no ensino de objetos a práticas; de práticas a objetos. **Línguas & Letras**, [S. l.], v. 1, n. 1, 2000. Disponível em: <https://erevista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/5510>. Acesso em: 12 mar. 2024.
- GERALDI, João Wanderley. A aula como acontecimento. In: GERALDI, J. W. (org.). **A aula como acontecimento**. São Carlos: Pedro & João, 2015[2003], p.81-101.
- MORAIS, Artur Gomes de. Monstro à solta ou... “Análise Linguística” na escola: apropriações de professoras das séries iniciais ante as novas prescrições para o ensino de “Gramática”. In: Reunião anual da ANPED, 2002, Rio de Janeiro. **Anais** [...]. Rio de Janeiro: ANPED, 2002. Disponível em: <http://25reuniao.anped.org.br/tp25.htm>. Acesso: 31 mar. 2021.
- POLATO, Adriana Delmira Mendes.; MENEGASSI, Renilson José. O estatuto dialógico da análise linguística: caracterização teórico-pedagógica. **Acta Scientiarum**: Language and Culture, v. 41, n. 2, p. 1-12, 2019a. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciLangCult/article/view/44773/751375149093>. Acesso: 1 mai. 2021.

RODRIGUES, Rosângela Hammes. A prática de análise linguística: emergência, reenunciações, abrangência e produtividade do conceito. In: ACOSTA PEREIRA, Rodrigo.; COSTA-HÜBES, Terezinha da Conceição. (Org.). **Prática de análise linguística nas aulas de Língua Portuguesa**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021, p. 73-106.

SILVA, Alexsandro da. Mudanças no ensino de gramática/análise linguística: com a palavra, os professores. **Educação: Teoria e Prática**. Rio Claro-SP, v. 25, n.48, p.99-113, 2015. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/304446479\\_Mudancas\\_no\\_ensino\\_de\\_gramaticaanalise\\_linguistica\\_com\\_a\\_palavra\\_os\\_professores](https://www.researchgate.net/publication/304446479_Mudancas_no_ensino_de_gramaticaanalise_linguistica_com_a_palavra_os_professores). Acesso: 6 jan. 2019.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução: GRILLO, Sheila.; AMÉRICO, Ekaterina Vólkova. São Paulo: Editora 34, 2017[1929-1930].